



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS-CSHNB
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ELIENE MARIA ALVES DE SOUSA

DO CASAMENTO À SEPARAÇÃO: Vivência de mulheres separadas na cidade de Picos-PI (1980-2013)

PICOS-PI
2014

ELIENE MARIA ALVES DE SOUSA

DO CASAMENTO À SEPARAÇÃO: Vivência de mulheres separadas na cidade de Picos-PI (1980-2013)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí.

Orientadora: Prof^a. Ma. Olívia Candeia Lima Rocha

PICOS-PI
2014

Eu, **Eliene Maria Alves de Sousa**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 19 de março de 2014.

Eliene Maria Alves de Sousa
Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S725c Sousa, Eliene Maria Alves de.
Do Casamento à separação: vivência de mulheres separadas na cidade de Picos – PI (1980 – 2013) / Eliene Maria Alves de Sousa. – 2013.
CD-ROM : il; 4 ¼ pol. (54 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.
Orientador(A): Profa. MSc. Olívia Candeia Lima Rocha

1. Mulheres. 2. Casamento. 3. Separação. I. Título.

CDD 305.409 812 2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos dezoito (18) dias do mês de março de 2014, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Eliene Maria Alves de Sousa** sob o título **DO CASAMENTO À SEPARAÇÃO: vivência de mulheres separadas na cidade de Picos-PI (1980-2013)**

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Prof. Ms. Olívia Cadeia Lima Rocha
Examinador 1 : Prof. Ms. Ana Paula Cantelli Castro
Examinador 2: Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro

Deliberou pela renovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 8,5.

Picos (PI), 18 de março de 2014

Orientador (a): Olívia Cadeia Lima Rocha
Examinador (a) 1: Ana Paula Cantelli Castro
Examinador (a) 2: Francisco Gleison da Costa Monteiro

À Deus e a toda minha família que tornaram esse sonho em realidade.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, pelo o dom da vida. Por me guiar e me dar força e coragem para seguir em frente.

A minha família por está sempre presente em minha vida. E de maneira bem especial a minha querida MÃE pelos ensinamentos da vida, pela a amizade cedida a mim, pelos momentos difíceis que passou, mas, sempre levantando a cabeça e começando tudo de novo. OBRIGADA MÃE POR TER ME DADO A VIDA.

A minha orientadora Olívia Candeia Lima Rocha pelas orientações, apoio, incentivo, paciência que teve comigo como orientadora de Monografia. Obrigada professora por ter me estimulado a conseguir produzir esse trabalho, sempre depois de cada conversa e orientação eu me sentia com mais força para driblar as adversidades que encontrava pela frente. Levarei e praticarei seus ensinamentos de Ofício do Historiador por onde eu andar.

Ao meu namorado Thiago José, pela dedicação que tem comigo, paciência que teve durante a minha pesquisa e principalmente pelo o amor que sente por mim, que só cresce dia após dia. Te Amo!

Ao professor Francisco Gleison da Costa Monteiro, por ter aceitado participar da banca examinadora de defesa deste trabalho e também por ter sido exemplo de dedicação ao ofício do Historiador durante todo o curso. Levarei por onde andar os ensinamentos das aulas de metodologia do Ensino de História e Estagio Obrigatório I.

À professora Ana Paula Cantelli Castro por ter aceitado participar dessa banca.

Aos demais professores do curso: José Lins, Nilsangela Cardoso, Marilu Alves, Frederico Ozanam, Agostinho Coe, Raimundo Lima, Jane Bezerra, Mairton Celestino, Ana Maria Coch, Naudiney, Erinalda, Lourdes Gomes e Marta Rochelle, os ensinamentos desses mestres também levarei por onde eu andar.

À minha grande amiga Lucélia Beatriz, pela amizade verdadeira de todos os momentos, por ter me apoiado e cuidado de mim como uma mãe e estado do meu lado em todos os momentos difíceis e complicados que enfrentei nessa caminhada, Obrigada por ter surgido em minha vida, sou grata a Deus por tê-la como amiga.

As minhas amigas de casa Lina Mara e Dedilsa pelo o companheirismo e a solidariedade compartilhada aos cinco anos que passamos juntas.

À minha amiga Ellen que mesmo de longe muito contribuiu com essa pesquisa, lendo, dando suas opiniões e apoio. Obrigada amiga pelo apoio.

As minhas amigas Maria Elba, Jessica Campos, Isabel, Valéria, Joelma, pelo seu companheirismo, apoio, cumplicidade e carinho nos momentos alegres e difíceis.

A Cássia Lucena pela disposição em ler a minha pesquisa e fazer as devidas correções. Obrigada menina!

Não poderia deixar de agradecer as minhas entrevistadas Maria da Silva Sousa, Monik Lima Rodrigues, Tereza Maria de Sousa e Leny Silva Amorim. Agradeço de coração a cada uma pelos momentos que passamos juntas, pela disponibilidade do tempo com as entrevistas e pela paciência em responder cada questionamento. Aprendi muito da vida com as experiências de vocês e levarei em toda a minha vida o aprendizado adquirido.

Também não poderia deixar de agradecer a minha turminha de amigos que conquistei na UFPI e mais precisamente a turma que recebeu o nome “A história nos fez amigos” ao qual, foi muito exaltada por todos que participaram desta semana de formatura, foram muitas as lágrimas derramadas ao longo dessa semana, sabemos que foram muitas as amizades construídas em sala e que hoje ainda permanece. Independente do tempo ou a distância que vai nos separar a nossa amizade permanecerá sempre em nossos corações. AMO VOCÊS!!!

Por fim, agradeço a todos que fizeram parte dessa minha história dentro da universidade, sei que não foi fácil, muitas barreiras tive que quebrar para hoje está aqui, no entanto, sempre acreditei que tudo um dia daria certo e deu. Hoje sou grata a todos que de maneira direta ou indireta contribuíram para a realização desse sonho que hoje se torna real. OBRIGADA A TODOS!!!

Não há dúvidas, hoje, de que as mulheres sentem-se diferentes em relação a si mesmas do que se sentiam há vinte anos... Foi muito bom para as mulheres levarem-se a sério como pessoas, sentirem auto respeito, sentirem que têm alguma igualdade, embora ela ainda não tenha sido plenamente conquistado... Estamos apenas começando, a saber, do que somos capazes.

(Betty Friedam)

RESUMO

O presente trabalho faz uma análise sobre a vivência de mulheres separadas na cidade de Picos-PI. O recorte temporal versa entre os anos de 1980 a 2013. Essa demarcação visa contrapor a vivência das mulheres durante esse período. O foco central da pesquisa consiste em conhecer como vivem essas mulheres que vem lutando por seus direitos em meio a uma sociedade preconceituosa, e também, analisa o papel que a mulher casada passou a exercer a partir do casamento e o que levaram elas a optarem pela separação e como passaram a viver depois de romperem seus laços matrimoniais. Diante dessa pesquisa, evidencia-se que a luta das indivíduos em estudo não é um simples processo reivindicatório para ocupar espaço no mercado de trabalho ou ter sucesso profissional reconhecido, mas também, de engajar-se a novas perspectivas no campo familiar e no lazer. Para a consecução dessa pesquisa, utilizou-se como metodologia a História Oral com base nos estudos de Paul Tompson e como referencial teórico as produções historiográficas de Joan Scott que retrata sobre o conceito de gênero, e Michel Pollak sobre o conceito de memória.

Palavras-chaves: Mulheres, Casamento, Separação.

ABSTRACT

The present study is an analysis of the experience of separated women in the city of Picos -PI . The time frame versa between the years 1980- 2013. This demarcation seeks to counteract the experience of women during this period. The central focus of the research is to understand how these women who live been fighting for their rights amidst a prejudiced society , and also analyzes the role that the married women began to play from the marriage and what led them to opt for separation and as they came to live after breaking their marital bonds . Given this research, it is evident that the struggle of the study are single in patient empowerment is not a simple process to take up space in the labor market or have recognized professional success , but also to engage new perspectives on familiar field and play. To achieve this research, was used as oral history methodology based on the studies of Paul Thompson and as a theoretical historiographical productions portraying Joan Scott on the concept of gender , and Michael Pollak on the concept of memory

Key-words: Women, Marriage, Separation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 01: O casamento de Monik Lima Rodrigues e Carlos J. Martins Coutinho.....	23
Ilustração 02: Imagem de D. Maria da Silva Sousa e seus cinco filhos.....	27
Ilustração 03: Foto de D. Maria e Gonçalo em sua casa.....	28
Ilustração 04 Foto de Monik Lima Rodrigues na praia em Fortaleza.....	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
AS PERCEPÇÕES DE MULHERES SOBRE O CASAMENTO NA CIDADE DE PICOS-PI	16
1.1 – O sonho de casar: Uma busca pela a felicidade.....	21
1.2 – Os desafios enfrentados pelas mulheres casadas.....	27
A VIDA APÓS A SEPARAÇÃO	32
2.1- A separação vista como uma escolha.....	36
2.2- O que fica de uma relação que não prosperou?	37
2.3- O novo papel da mulher na família.....	39
2.4- A participação da mulher no mercado de trabalho.....	41
2.5- O lazer visto como uma diversão.....	44
2.6- O olhar da sociedade sobre a mulher separada.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

Em meio a uma sociedade preconceituosa, a mulher vem lutando por seus direitos, sua luta não é um simples processo reivindicatório para ocupar espaço no mercado de trabalho ou ter sucesso profissional reconhecido ela também engaja-se a novas perspectivas no campo familiar e no lazer, destaca-se em outras categorias sociais em defesa de um plano maior da liberdade, do respeito aos direitos humanos, contra o racismo, contra autoritarismo, e, contra a violência. E tendo em vista esse crescimento, objetiva-se com este trabalho conhecer melhor a vivência de mulheres separadas na cidade de Picos entre os anos de 1980 a 2013.

O interesse por essa temática despertou a partir da vivência com mulheres separadas, e por conta de muitas questões que englobam a vida de cada uma delas. Foi observado que estudos que falam sobre o tema aqui posto em questão, ainda são poucos produzidos, esse fato foi tido como um grande estímulo para iniciar uma pesquisa sobre o mesmo, que muito merece ser ressaltado. Em virtude do importante papel que as mulheres exercem na sociedade e a curiosidade em saber quais as maiores dificuldades enfrentada por elas, nasceu o interesse de fazer um estudo sobre as mesmas.

Outro incremento que se fez acreditar que era possível conhecer mais de perto a vida dessas mulheres ocorreu no oitavo período do curso de história ao ter tido o contato com a disciplina de História e Gênero, ministrada pela professora Olívia Candeia Lima Rocha, que também é a orientadora desse trabalho de conclusão de curso. Durante o período da disciplina onde discutíamos de forma coletiva sobre muitos temas, em que, incluía a histórias de mulheres, e dentre essas Histórias estavam as das mulheres separadas. Diante dessas aulas percebeu-se certo preconceito por parte de alguns homens, o que não é de causar espanto, pois, até mesmo uma de minhas entrevistadas fala que antes de ser separada sentia preconceito com as demais mulheres separadas.

Com base no que foi exposto, objetiva-se analisar como as mulheres separadas se sentem em meio a uma sociedade ainda preconceituosa. Conhecer os motivos que levaram essas mulheres a casarem tão jovens, bem como, os que levaram elas a optarem pela separação. Identificar o papel que a mulher exerce

atualmente no meio familiar e as principais mudanças ocorridas na vida dessas mulheres após a separação.

Alguns autores nos ajudaram a compreender a trajetória de vida dessas mulheres. Nesse sentido, destacamos Joan Scott (1989) que ao abordar a importância do gênero como categoria de análise histórica, reforça a indispensabilidade de compreensão do masculino e do feminino como formações históricas e culturais. Portanto, em diferentes momentos as categorias homem e mulher aparecem com configurações diferenciadas.

Este estudo também conta com a contribuição de autores, como Castelo Branco (2005), Priore (2011) e Vasconcelos (2010), obras que abordam o papel das mulheres na sociedade brasileira.

Assim como a pesquisa bibliográfica, a história oral foi de fundamental importância para a produção deste trabalho, pois, conforme Thompson (1992, p.337) “A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao dar-lhes um passado, ajudando-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas.”

Sendo assim, foram utilizadas a memória de mulheres separadas de uma maneira individual ou coletiva, a cerca disso cita Pollak,

[...] a *priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa, mas [...] a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992, p.02).

Nesse sentido a memória pessoal e individual de cada um integra-se na memória coletiva de todas essas mulheres. Deste modo, a metodologia da História Oral foi constantemente trabalhada para a análise das entrevistas. Para Paul Thompson, “a história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação” (THOMPSON, 1992, p. 44).

As entrevistadas são pessoas que vivenciam trajetórias distintas, mulheres de diferentes origens que desempenham um importante papel analisado neste

estudo; e possibilitando a formação de diversas visões sobre o tema. De acordo com Lucília de Almeida Neves Delgado: “Os sujeitos da história da humanidade são muitos, são plurais, são de origens sociais diversas. Inúmeras vezes defendem ideais e programas opostos, o que é peculiar ao mundo em que vivemos” (DELGADO, 2006, p.55). Segundo esta autora, atores sociais distintos podem nos proporcionar várias facetas sobre o mesmo processo ou acontecimento. As quatro mulheres entrevistadas na pesquisa que originou este trabalho, estão inseridas entre as classes sociais média e baixa, apresentando no grau de instrução uma grande variação, desde analfabeta a graduada. Apresentaremos as mesmas a seguir.

A primeira entrevistada a Sra. Maria da Silva Sousa casou-se na década de 1980, e rompeu seu matrimônio no ano de 2005, com Francisco Gonçalo da Silva, com este, teve cinco filhos, se separaram por conta de uma traição do marido. Mora sozinha e trabalha no setor comercial segundo ela vive melhor após a separação

Outra entrevistada é Monik Lima Rodrigues, casou-se em 2003 e separou-se em 2009, com Carlos José Martins Coutinho e teve com este uma filha. O principal motivo da separação uma traição por parte do marido, segundo ela, no início foi muito difícil, mas, com o tempo foi se adaptando à nova vida (já está namorando e pensando em casar-se novamente). Ela é formada em Licenciatura Plena em História e trabalha como professora no colégio Decisão e mora sozinha com sua filha.

Em seguida vem Tereza Maria de Sousa¹, casou-se no ano de 2001 e separou em 2009, com Marcelo de Sousa Filho², tiveram dois filhos. O Motivo da separação foi à rotina e também uma traição (não citou de qual parte). Ela está cursando o curso de Letras na Universidade Estadual do Piauí e trabalha como professora no colégio Decisão, atualmente mora com sua família.

A última entrevistada é Leny Silva Amorim, casou-se no ano de 1990 com Adailton José da Silva e separou no ano de 2000, tiveram desse casamento dois filhos. A separação foi ocasionada por uma traição do marido. Mora com a sua família e não tem profissão, segundo ela cuida apenas da casa.

Vale ressaltar que trabalhar com a história oral e mais precisamente com entrevistas é uma tarefa muito árdua e requer muita disponibilidade por parte do entrevistador. As entrevistas que serviram como fontes para a produção deste

¹ Pseudônimo

² Pseudônimo

trabalho monográfico totalizam a participação de quatro mulheres. No começo não tive nenhum problema, todas elas se disponibilizaram de todo tempo possível e não se opuseram aos questionamentos. Porém, no decorrer da escrita da monografia precisei retornar até elas para esclarecer algumas dúvidas que ainda existiam, mas, uma delas, a entrevistada Leny Silva Amorim não pode me atender em virtude de uma viagem em busca de trabalho.

Por outro lado é muito gratificante para o historiador ouvir os relatos feitos por aquelas mulheres. As entrevistas revelam, em seu conteúdo, o resultado do encontro, do diálogo entre pesquisadores e essas mulheres. Tratou-se de discursos permeados de lembranças que envolvia alegrias e tristezas. Para Bosi (1973. p.55) “Lembrar não é reviver, mas, refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.” através desta experiência com a História Oral pode-se dizer, que a mesma, lhe instiga a estudar e conhecer mais sobre o que a história pode nos ensinar sobre essas mulheres.

Neste trabalho não analisamos somente a vivência das mulheres separadas, relatamos ainda, a atuação das mesmas, no trabalho, no lazer e na família, diante disso, desenvolvemos discussões relacionadas a outros aspectos sociais, nos apoiando na perspectiva da micro histórica defendida por Rachel Soihet, quando afirma que:

O desenvolvimento da história das mulheres, articulado às inovações no próprio terreno da historiografia, tem dado lugar à pesquisa de inúmeros temas. Não mais apenas focalizam-se as mulheres no exercício do trabalho, da política, no terreno da educação, ou dos direitos civis, mas também se introduzem novos temas na análise, como a família, a maternidade, os gestos, os sentimentos, a sexualidade e o corpo, entre outros (SOIHET; CARDOSO; VAINFAS, 2011, p. 268)

O recorte cronológico engloba entre os anos de 1984 a 2013, sendo um período de grandes transformações na vida da mulher. O mesmo ocorreu a partir da escolha das entrevistadas, onde podemos analisar como era as percepções das mulheres na década de 1980 em relação ao casamento para assim contrapor com as demais que casaram após essa década.

O recorte espacial aconteceu na cidade de Picos, por ser frequentada por um grande número de pessoas de municípios vizinhos e o acesso às entrevistadas era mais fácil, porque mesmo essas mulheres tendo casado fora de Picos elas vivem atualmente nesta cidade.

O trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo aborda as *percepções de mulheres sobre o casamento na cidade de Picos*, trata do olhar que a mulher tinha do casamento, que motivo levou a optarem pelo casamento, da constituição de uma família e da participação da sociedade na vida dessas mulheres. Ainda demonstra os desafios que elas enfrentaram quando assumiram o papel de mulher casada.

O segundo capítulo *A vida após a separação*, enfoca as mudanças ocorridas na vida dessas mulheres separadas, tendo como destaque a participação da mulher no mercado de trabalho, a importância do seu papel no meio familiar e o lazer visto como uma diversão, ressaltando o olhar da sociedade sobre a mulher separada que decidiu engajar em uma nova vida familiar.

CAPÍTULO I

1 AS PERCEPÇÕES DE MULHERES SOBRE O CASAMENTO NA CIDADE DE PICOS

O casamento é uma das instituições mais antigas do mundo e sofreu mudanças e adaptações ao longo da história de acordo com aspectos emocionais e socioculturais envolvidos (COSTA, 2000). O ser humano de alguma forma está conectado com seus semelhantes (ANTON, 2002) e para vivermos é necessário nos relacionarmos com outros seres humanos. O crescimento físico, emocional e espiritual, passa pelo contato com outros seres humanos (ALMEIDA, 1990). São muitas as definições relacionadas ao termo casamento, segundo Venosa, 2003, p.3)

A família constitui-se por uma instituição, de maneira regular, formal e definida de realizar uma atividade. É uma união associativa de pessoas, sendo uma instituição da qual se vale à sociedade para regular a procriação e educação dos filhos. Ainda, pode ser definida como uma instituição permanente integrada por pessoas cujos vínculos derivam da união de pessoas de sexos diversos.

Como podemos perceber nas palavras dos autores citados anteriormente o casamento apresenta muitas definições, no entanto, não há uma definição que possa satisfazer a todos os regimes jurídicos, mesmo porque a evolução histórica e social do casamento alteram o conteúdo e as estruturas matrimoniais. De qualquer modo, é inegável que o casamento seja uma convenção criada pelo homem para disciplinar o que foi criado pela natureza – a família. Um dos casamentos mais conhecido é:

O Casamento civil que surgiu na Europa na segunda metade do século XVIII, após as revoluções Francesas e Protestantes. Antes disso, somente os casamentos celebrados pela Igreja Católica eram reconhecidos como legítimos para todos os efeitos. Durante a Revolução Francesa a Igreja foi um dos pilares da monarquia a ser derrubado, ao mesmo tempo em que surgiram as bases do direito moderno. A partir desse movimento criaram-se as primeiras instituições baseadas na igualdade jurídica e liberdades pessoais. Segundo essas todas teriam o direito de se casar, independente da religião. Como consequência o Estado tomou para si a responsabilidade do casamento, criando a união civil. No Brasil o

casamento civil foi instituído em 1890, após a proclamação da República, como a declaração máxima da separação entre Igreja e Estado. O novo código civil brasileiro, implantado em 2002, reconhece também as uniões informais estáveis, o chamado concubinato, e estabelece para esse as mesmas regras para o casamento civil. (DE ONDE VEIO O CASAMENTO, 2005, p.01)

A institucionalização do casamento civil ocorrido no Brasil com a República deixou nítida a “separação” entre igreja e estado. Segundo Puga (2008) o casamento civil surgiu, portanto, como mais uma forma do saber que se articulava e que era usado como fortalecimento da “nação”. Seu registro legalizava não só a união, mas também os filhos desses casamentos. Dessa forma, o casamento de Direito Civil,

Passou a sustentar o caráter contratualista da relação matrimonial, isso por envolver interesses de ordem patrimoniais em seu bojo, gerando obrigações e deveres para ambos os cônjuges, manifestos por uma manifestação da vontade de ambos de contraírem para si tais responsabilidades mútuas (*CIELO; FORTES, 2010*).

O casamento civil é feito através da escolha dos cônjuges, ele exerce um poder que é tido em lei, fornece muitos direitos ao esposo e a esposa. Nesse sentido, existem vários tipos de regime de casamentos civil, cada um deles exercendo condições, direitos e deveres específicos, cabendo a eles à escolha do tipo de regime que eles julgarem mais adequado. A lei exige que todos os requisitos exercidos por ela devam ser cumpridos, pois o casamento civil é um documento registrado em cartório exercendo grande poder perante a sociedade.

Nas primeiras décadas do século XX, no Piauí, o papel da mulher era ser mãe, esposa e dona de casa,

As mulheres, depois de casadas, deveriam assumir novos comportamentos; suas novas funções exigiam novas posturas, um ar grave, demonstrando recato e seriedade. As novas relações familiares, que teriam como base o amor, a afeição e a intimidade entre pais e filhos, colocariam a mãe como a principal responsável pelo bem-estar dos membros da família, a quem a mulher deveria

dedicar sua vida, seus afetos, todos os esforços e sacrifícios (BRANCO, 2005, p.127).

O autor descreve o papel que a mulher exercia como esposa a partir do casamento, ficando claro que ela dedicava a sua vida ao lar, o marido e seus filhos. Deixando de viver seus desejos para se submeter aos desígnios da família. Nesse período a mulher não tinha nenhuma responsabilidade em arcar com as despesas, sendo o marido o responsável pela tomada de decisões e o sustento da esposa e dos filhos. Mais, essa definição só era válida nas famílias burguesas, pois, nas consideradas pobres a mulher trabalhava, e seu trabalho era visto como uma forma de ajudar nas despesas da casa. Era comum a essas mulheres trabalharem como domésticas em casa de famílias ricas, sendo este o tipo de trabalho exercido pelo sexo feminino.

Podemos perceber que a sociedade cobrava comportamentos diferenciados para as mulheres de acordo com a condição social. Assim sendo, as de camadas sociais menos desfavorecidas participavam da vida econômica familiar enquanto que as de famílias mais abastadas ficavam restritas ao lar.

Apesar das diferenciações de comportamento feminino de acordo com a classe social, a sociedade exigia uma conduta comum a toda as mulheres que quisessem ser consideradas como decentes. Tal conduta dizia respeito à moralidade da mulher,

Uma boa formação moral era essencial para que a mulher cumprisse com firmeza as suas funções de esposa. Os homens esperavam que as mulheres fossem fiéis, queriam ter a certeza de gerar com elas os filhos que dariam continuidade ao seu nome, às suas tradições familiares e que herdariam seu patrimônio. A fidelidade feminina nem sempre tinha como contrapartida o mesmo comportamento por parte do esposo, que muitas vezes tinha vida sexual ativa fora do casamento. As infidelidades masculinas deveriam ser relevadas, visando à preservação e equilíbrio do lar e da família (BRANCO, 2005, p.128).

A mulher tinha que obedecer a muitos critérios impostos pela sociedade da época. Deveria cumprir o seu papel de esposa de maneira primordial, atendendo

todos os requisitos estabelecidos. Acrescente-se, que ela teria que ser apta a aceitar a vida que o seu marido levava fora de casa, para poder preservar a sua vida familiar. Era necessário que a mesma ficasse calada, pois a infidelidade masculina poderia ser considerada culpa dela. Então, cabia à mulher o silêncio e aceitar a situação se quisesse permanecer casada já que para a época separar não era visto com bons olhos.

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres [...] (BORDIEU, 2005, p.18).

Contudo, o papel do homem na década de 1980 consistia em ser, o provedor e líder da família. Ele é tido como o chefe, e às decisões que ocorrem dentro de casa cabem ao mesmo fazer suas análises e sua conclusão. Quando ele não cumpre com suas atribuições, transferindo para a esposa a suas responsabilidades enfrentam problemas em casa.

Essa é a diferença do papel do homem e da mulher no casamento, enquanto o esposo cuida das decisões e dos negócios a mulher é tida como a sua auxiliar cuidando dele, da casa e dos filhos. Não se pode falar da vida da mulher sem fazer comparações com a do homem, como ressalta Priore (2011, p. 546) “a comparação se torna realmente útil quando é usada não para localizar supostas semelhanças entre um caso e outro, mas, sim, quando serve para ressaltar diferenças”. É certo que ambos exercem papéis diferentes, tanto no meio familiar como na sociedade. Sendo assim, para um casamento ser duradouro tanto o esposo como a esposa deve cumprir as devidas funções exigidas pela sociedade que estava sempre apta a julgá-los.

Contudo, um dos requisitos para a mulher se casar na década de 1980, era ela ser uma moça de família, visto que esta possuía todas as características que uma mulher deveria ter para se casar: ser reservada, discreta e, sobretudo, virgem. “Para muitos, a castidade era sinônimo de ingresso em um bom casamento e orgulho para os pais da noiva, pois esta se manteve pura até a união matrimonial”

(PINHEIRO, 2012, p. 15). Bernardo Pereira Sá Filho acrescenta que “[...] a virgindade era sinônimo de honra e a condição para a mulher transitar livremente em todos os lugares de sociabilidades” (SÁ FILHO, 2008, p. 38).

A virgindade, de fato, era o passaporte para a mulher ser respeitada e não ser confundida com o seu oposto – as prostitutas. Até o casamento, as moças deveriam permanecer virgens e, tanto antes como durante o casamento, deveriam manter uma conduta impecável. Em suma, o recato era uma das peças-chaves dessa conduta e o sexo tinha como finalidade única entre o homem e a mulher, unidos pelo matrimônio, à procriação. De acordo com Foucault,

Esse fim procriador figurava entre as funções para se casar; era ele que tornava necessária a relação sexual no casamento; sua ausência, aliás, podia dissolver a união conjugal [...] Era também para evitar o inconveniente das descendências ilegítimas que se fazia objeção às objeções às relações extramatrimoniais (não somente para mulheres, como também para homens) (FOUCAULT, 1985, p.167).

O autor aponta que as relações sexuais no começo do século XX tinham como finalidade não só a procriação, mas a garantia de herdeiros legítimos, pois as descendências ilegítimas e extraconjugais eram repreendidas pela sociedade.

Eram frequentes no século XX, casamentos sem amor, às vezes ele acontecia por interesse da família. Não era comum um homem ou uma mulher se casarem com pessoas que não tivessem o mesmo status, pois isso gerava comentários perante a sociedade. A família já atuava na preparação do casamento de seus filhos desde criança, em especial quando se tratava de uma filha. A mãe lhe vigiava para conservar a virgindade que funcionava como um dispositivo para manter o status da noiva como objeto de valor econômico e político, sobre o qual se assentaria o sistema de herança de propriedades que garantia linhagem da parentela evitando ser mal falada diante da sociedade. (DIAS, 2000)

A sociedade do século XX constantemente esteve presente na relação de um casal e tanto o homem como a mulher eram vigiados nas suas atitudes. Qualquer ato que não fosse condizente aos padrões de conduta exigidos por ela era

motivo de difamação e fofocas, gerando conflitos entre o casal e seus familiares. A mulher sofria mais essa vigilância como destaca Branco (2005, p. 132)

As mulheres que não cumprissem dignamente suas funções maternas eram vistas com maus olhos pela sociedade, que estava sempre pronta a observar, julgar e condenar comportamentos ilícitos e que fossem de encontro aos rígidos padrões morais.

Podemos ver que a mulher era mais observada pela sociedade, de modo que, era comum o homem ter relações sexuais fora do casamento, esse tipo de relação acontecia com prostitutas. Um homem casado que saia com esse tipo de mulher, não somente promovia sua própria degradação como chefe de família, como também produzia uma esposa mal amada, vulnerável à tentação do adultério e, conseqüentemente, à prostituição. Embora fosse imperativo o modelo familiar monogâmico instituído pela Igreja Católica no Brasil e reforçado juridicamente pelo Código Civil de 1916 e Código Penal de 1940, (BARSTED, 1987, p. 107) sem os quais não se estabeleciam punição para a prática da bigamia e do adultério, a cultura patriarcal ainda presente nas relações de gêneros, relativizava a prática desses delitos quando exercida pelo homem.

1.1 O sonho de casar: Uma busca pela liberdade

De acordo com os padrões considerados normais para a década de 1980 os homens e as mulheres primeiro tinham que se casar. O casamento na década de 1980 na cidade de Picos era visto por muitas jovens como uma busca de nova oportunidade, as moças eram presas em casa pelos pais, não sendo comum a uma mulher sair sozinha, ir festas, frequentar locais que não fossem acompanhados por um responsável que cuidasse do seu zelo. Segundo Sá Filho (2008) a moça donzela, embora pobre, que quisesse preservar a honra através da virgindade e de uma boa reputação deveria não frequentar esse tipo de ambiente. Conservando assim, um modelo cultural antigo, pois, era através do casamento que as moças sonhavam em construir uma família e encontrar o amor como à entrevistada Monik Lima Rodrigues ressalta:

Eu fui criada muito presa, meu pai era tradicional, família tradicional, eu não saía muito, quando saía era com meus irmãos. Eu conheci meu ex-marido por acaso, ele estudava no colégio das irmãs e eu estudava no PREMÉM³. Todos os dias ele ficava lá na praça esperando a hora de entrar no colégio das irmãs, ficava com os amigos dele ali na praça e aí o ônibus do premem passava e parava, e aí ele sempre me via passando no ônibus. Quando eu ia esperar o ônibus ele estava lá na praça também. Eu sei que ele ficava me olhando e eu olhando pra ele, todo dia que eu passava ele ficava esperando eu passar. Agente se conheceu em uma vaquejada na exposição, agente ficou e continuamos mantendo contato ele ficava ligando. Eu ia pra casa da minha tia e agente se encontrava lá, depois ele foi a casa me pediu em namoro⁴.

Podemos compreender na fala da entrevistada que ela tinha uma vida presa, apesar de já vivenciar o final do século XX, onde a mulher já gozava de alguns privilégios, em comparação com o começo do século, mesmo assim, alguns costumes eram predominantes na sociedade da época. Vale salientar que a entrevistada era uma jovem com idade de 16 anos, o que, cabia à família zelar pela sua integridade. Podemos ver na fala da Monik Lima Rodrigues⁵ que ela teve alguns hábitos transgressores, pois, fugia dos padrões estabelecidos pela sociedade da época como ir à festas e também, seu namoro com José Martins Coutinho que teve uma duração muito longa,

Agente namorou muito tempo, então, decidimos nos casar, era tudo o que nós queríamos, como todo casal de namorados daquela época, e entre namoro e noivado foram sete anos. Casamos, ele foi o meu primeiro namorado⁶.

Para os pais das moças do interior um namoro não deveria ser muito longo, pois, a mulher poderia ficar mal falada na sociedade, um relacionamento duradouro

³Programa de Expansão e Melhoria do Ensino, na ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PETRONIO PORTELA-PREMÉM PICOS-PI

⁴RODRIGUES, Monik Lima. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 02 de dezembro de 2013.

⁵RODRIGUES, Monik Lima. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 02 de dezembro de 2013.

⁶RODRIGUES, Monik Lima. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 02 de dezembro de 2013.

proporcionava a ela cometer erros como: ter relações sexuais antes do casamento e conseqüentemente engravidada.

A partir do relato de Monik Lima Rodrigues e da fotografia a seguir podemos perceber que ela vivenciava um momento especial de sua vida.

Ilustração 01: O casamento de Monik Lima Rodrigues e Carlos J. Martins Coutinho



Fonte: Acervo pessoal de Monik Lima Rodrigues.

A realização do seu casamento, um acontecimento que segundo a entrevistada “era tudo que queria naquele momento: era casar-se, ter filhos e viver uma vida feliz ao lado do homem que ela escolheu como seu esposo⁷”.

Analisando a fala da entrevistada constatamos que ela fugia dos padrões estabelecidos pela sociedade da década de 1980, teve um namoro muito longo, e começou um relacionamento em uma festa, algumas dessas condutas não eram comuns entre as moças da época. Segundo ela, preservou um hábito comum e

⁷ RODRIGUES, Monik Lima. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 02 de dezembro de 2013.

tradicional das famílias conservadoras, casou-se virgem e com o seu primeiro namorado.

Enquanto a entrevistada Monik Lima Rodrigues teve o namoro longo e um casamento planejado, a entrevistada Tereza Maria de Sousa não aconteceu assim, o namoro teve uma duração muito pequena de apenas quatro meses, pois este morava era fora, em São Paulo, e em uma de suas vindas a sua cidade natal Inhumas - PI visita o interior do Forte onde se conhecem e começam a namorar, não demora muito e ele logo volta para São Paulo, mas, continuam namorando através de contatos telefônicos,

Foi em uma de suas vindas ao meu interior, conhecido como Forte, que começamos a namorar, eu uma adolescente de 16 anos e ele um jovem de 25, começamos a namorar escondido porque naquele tempo segundo meu pai eu era muito nova para namorar, namorávamos escondidos, eu morava com uma tia que era linha dura, não deixava sair de casa, o meu pai implicava até com minhas roupas, eu era muito vigiada. A gente ainda não pensava em se casar, eramos muito jovens, mas, eu não tive escolha, estava grávida e optei pelo casamento. Preferimos não contar a nossa família, então fizemos tudo sozinhos. Não sei nem se amava ele ou ele me amava, mas, tinha uma criança no meio e o melhor para ela era ficarmos juntos, então nos casamos.

Considerando a fala de Sousa, pode-se dizer que ela casou-se em 2001 com o objetivo de não ser mãe solteira, apesar de ser uma adolescente, ela tenta preservar a sua família e ela mesma de críticas da sociedade. O casamento, era visto pela a entrevistada como uma forma de proteção tanto da sociedade como dos pais, já que ter filhos antes do casamento não era visto com bons olhos. O medo de enfrentar a família, a ingenuidade de uma adolescente fez com que ela tomasse a decisão de casar, mesmo não tendo certeza dos seus próprios sentimentos.

Mesmo o casamento tendo como função ligar duas famílias e permitir que elas se perpetuassem. Não acontecia assim, as famílias não apoiavam os cônjuges, em muitos casos isso se dava por desconhecimento do motivo que levava tanto o homem como a mulher a se casarem, em se tratando da entrevistada Tereza Maria de Sousa ela aponta não ter tido apoio da sua família de imediato, devido a sua

idade, uma adolescente de apenas 16 anos, e o desconhecimento do que estava levando-a optar pelo casamento, que era a gravidez,

De início não tive apoio da minha família, porque eles também não sabiam que eu estava grávida, minha mãe só veio a descobrir quando eu já estava no sexto mês. Depois de uma leve discursão, ela viu que não tinha o que fazer resolve aceitar⁸.

Um fato relevante que vale ressaltar entre as entrevistadas é que todas casaram muito cedo, com idade entre 14 e 23 anos, cada uma com um motivo diferente. A entrevistada Maria da Silva Sousa casou-se no ano de 1984 e acrescenta,

Toda moça tinha vontade de casar naquela época, a gente vivia no interior e o primeiro que apareceu eu casei, tipo influencia de criança mesmo eu queria mesmo era casar sair de casa e ter mais um pouco de liberdade já que meu pai não deixava sair muito de casa⁹.

Segundo a entrevistada desde cedo as moças sonhavam em casar, mesmo sendo muito jovem, com apenas 14 anos ela encontrou o um pretendente e aceitou casar-se com ele. Para algumas das entrevistadas o casamento era visto como um “refúgio” em que, através do mesmo, pudesse encontrar mais liberdade diante dos pais e da sociedade.

Segundo Branco (2005) mesmo com possíveis problemas de relacionamento, o casamento continuava a povoar a imaginação e o desejo das moças. O que elas esperavam era encontrar um homem que fosse compreensivo, amoroso, carinhoso, que lhes desse um sustento digno, e a quem elas recompensariam com dedicação, fidelidade e filhos. Tal aspecto pode ser observado na fala de Branco (2005) Casar-se era, acima de tudo, uma forma de realização pessoal para as mulheres. Elas acreditavam que no casamento encontrariam a felicidade e liberdade que tanto sonhavam.

⁸ ⁸ SOUSA, Tereza Maria de. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 05 de dezembro de 2013.

⁹ SOUSA, Maria da Silva. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 08 de dezembro de 2013.

Um fato comum entre as entrevistadas foi que todas casaram com o seu primeiro namorado, as quatro entrevistadas eram muito jovens nem conheciam a responsabilidade de um casamento. Para a entrevistada Leny Silva Amorim que casou-se em 1990, “me casei com 14 anos porque acreditava não encontrar outra pessoa¹⁰” com isso, não pensava em nada que pudesse dar errado no casamento sendo que o importante era arrumar um marido.

Apesar de estarmos falando de mulheres de um período não muito distante final do século XX e início do século XXI, podemos notar traços de uma cultura muito antiga, esta, vivenciada de um modo especial por mulheres do interior, em que os pais continuam com o tradicionalismo de conservar a dignidade da filha e da família. Se estivéssemos falando do casamento no século XVIII não seria de estranhar tanto à preocupação das mulheres de se manterem virgens, de terem se casado muito jovens, da família fazer parte ativamente da escolha na hora que decidia se casar, no entanto, estamos em um período de ascensão da mulher que está se destacando em todos os setores.

Outro fato interessante que vale salientar foi que entre a maioria das entrevistadas, houve relatos que a família apoiou o seu casamento, mesmo elas sendo muito jovens. O que se pode entender a partir deste, é que essas moças não tinham muitas escolhas, já que, o casamento era a busca por liberdade. Visto que, a perspectiva dessas mulheres em poderem mudar as suas vidas estava restrita apenas ao casamento, exceto a entrevistada Monik Lima Rodrigues que mesmo sendo de uma família tradicional a sua adolescência foi diferente das demais, uma vez que, a mesma teve a oportunidade de sair de casa para estudar e conseguir sua formatura no curso de Licenciatura Plena em História, na instituição Universidade Estadual do Piauí na cidade de Picos, no ano de 2000.

Mesmo encontrando alguns elementos não comuns para a época, como acesso a universidade e morar fora de casa, Monik Lima Rodrigues fala que seu pai lhe criou no intuito de ser mãe e dona de casa. “Meu pai me criou como aquele povo de antigamente, pra ser dona de casa, mãe de família e tudo¹¹”. Nota-se que a mulher era educada para exercer o papel de dona do lar, mesmo que elas possuíssem alguma formação.

¹⁰ AMORIM, Leny Silva. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, em 10 de dezembro de 2013.

¹¹ RODRIGUES, Monik Lima. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 02 de dezembro de 2013.

1.2 Os desafios enfrentados pelas mulheres casadas

Após o casamento costumavam-se, o casal ir morar na casa dos pais do homem ou da mulher, em virtude da condição financeira, segundo relato feito pela entrevistada Tereza Maria de Sousa “era uma etapa muito difícil para o casal, apesar de minha família demonstrar todo o seu apoio à gente se sente mal, pois, todo casal que casa quer morar sozinho¹²”. Nesse manifesto feito pela entrevistada observa-se como era desafiador morar na casa dos pais após o casamento, a convivência, a relação entre o marido e a mulher e os demais moradores da casa, modificava a rotina de toda uma família.

Com a chegada dos filhos a mulher passa a exercer várias funções, além de ser esposa, dona de casa ela passa a ser mãe. A maioria das entrevistadas registra-se uma quantidade pequena de filhos o que não era comum para décadas de 1980 a 1990, com exceção da entrevistada Maria da Silva Sousa, pois, teve no seu casamento um número considerável de cinco filhos. Como veremos na imagem abaixo:

Ilustração 02: imagem de D. Maria da Silva Sousa e seus cinco filhos



Fonte: Acervo pessoal de D. Maria da Silva Sousa

Observa-se através da imagem que a entrevistada Maria da Silva Sousa teve um número considerado de filhos para a época, ainda se nota que não havia um

¹²SOUSA, Tereza Maria de. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 05 de dezembro de 2013.

planejamento familiar. Segundo a entrevistada “depois que casei todo ano tinha um filho é tanto que eu casei em 1984 e em 1989 já tive o meu ultimo filho”¹³

A maioria das entrevistadas comenta que no começo do seu casamento existia uma ótima relação entre o casal. Segundo a entrevistada. Maria da Silva Sousa “ tudo era maravilhoso, a gente saia para passear tanto sozinhos como com os filhos¹⁴”. Podemos analisar a fala através da imagem a seguir.

Ilustração 03: foto de D. Maria e Gonçalo em sua casa



Fonte: Acervo pessoal de D. Maria

A imagem demonstra momentos de distração que existiam na vida do casal, sendo comum no início do casamento momentos como esses, assim cita a entrevistada.

No começo era tudo muito bom, a gente se divertia até mesmo em casa, era muito comum nessa época ligar um rádio ou usar uma sanfona e a gente dançar ou ir festinhas em casa de parentes e amigos.

¹³ SOUSA, Maria da Silva. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 08 de dezembro de 2013.

¹⁴ SOUSA, Maria da Silva. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 08 de dezembro de 2013.

Além de vermos essa foto como um momento de distração em família, ela tem uma história para contar e é através da memória de uma mulher que guarda lembranças de sua vida através das imagens que iremos conhecê-la. Ao observarmos bem a foto notamos que ela é rasgada, segundo a entrevistada,

Isso se deu devido à presença de uma mulher que estava ao lado, essa mulher morava e trabalhava comigo no comércio do meu marido, ela era tida como uma irmã em minha casa, confiava muito nela, deixava ela cuidar dos meus filhos e do meu próprio marido. Só que com o tempo descobrir que estava sendo traída e era por essa bendita mulher que estava ao lado dessa foto¹⁵.

Analisando a imagem e o discurso da entrevistada nota-se que ela vivenciava um momento de alegria em família, no entanto, existiam graves problemas, que ela desconhecia, e agora vendo essa foto consegue detectar. Para Pollak, “o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p. 04-05).

Com o passar dos anos, alguns problemas surgem e começam a fazer parte da vida dos casais, dentre os muitos estavam presente à situação financeira que era comum a todas entrevistadas, como descreve uma delas,

No começo foi muito difícil a nossa vida, tínhamos vários problemas, e um dos problemas que mais nos afetava era o financeiro. Ainda éramos muito diferentes, ele queria ter uma vida diferente da minha o que fazia a gente discutir. Mas, tínhamos um relacionamento muito bom éramos bem companheiro um do outro, isso no começo¹⁶.

Além dos problemas financeiros outros estão presentes na vida de um casal, vale ressaltar um, como descreve a entrevistada Monik Lima Rodrigues, quando fala da mudança de comportamento que o marido teve ao descobrir que ela estava grávida de sua filha,

¹⁵ SOUSA, Maria da Silva. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 08 de dezembro de 2013.

¹⁶ AMORIM, Leny Silva. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, em 10 de dezembro de 2013.

No começo era muito boa a nossa relação, tirando alguns problemas, mas só até eu ficar grávida da minha filha. Depois que eu engravidei as coisas mudou, ele mudou comigo, logo minha gravidez foi de risco, eu não podia sair de casa, e aí ficou muita responsabilidade só pra ele. Ele foi se distanciando de mim, e aí começou com a convivência e agente começou a perceber os defeitos¹⁷.

Vale observar na fala da entrevistada as mudanças de comportamentos que o marido passou a manifestar após a sua gravidez. A responsabilidade de sustentar a casa e de cuidar da esposa numa gravidez de risco pode ter contribuído para o mesmo distanciar-se dela, gerando um motivo de discussão entre o casal. Porém, nem sempre a reação que o marido de Monik Rodrigues teve é comum, o que podemos observar é que casais vivem anos e anos por causa dos filhos como destaca Maria da Silva Sousa,

Não separei antes do meu marido porque tinha medo da reação dos meus filhos, eles eram e ainda são muito apegados ao pai, apesar do erro do fim do nosso casamento tenha sido dele, para os meus filhos a separação era sempre ruim¹⁸.

Era muito comum na década de 1980 um casal permanecer juntos por um longo tempo, devido os seus filhos, isso era mais frequente acontecer com as mulheres. Como a entrevistada relata que por um certo período de tempo ficou casada com o pai de seus filhos, mesmo ele tendo relação com outra mulher, ela sentiu na obrigação de continuar sua vida conjugal, devido o apego dos filhos com o pai.

Relatando sobre o mesmo assunto a entrevistada Tereza Maria de Sousa fala da sua vida de casada, estando ela, voltada completamente para os filhos, o marido e a casa. Momentos de lazer dificilmente existiam como ela cita,

A minha vida de casada posso resumir somente em dona de casa, levava os filhos para a escola e cuidava do marido, coisa da mulher da década de 1950. Lazer era lá uma vez que nós saíamos para passeio, mas, muito raro. Era uma verdadeira rotina a minha vida de

¹⁷RODRIGUES, Monik Lima. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 02 de dezembro de 2013.

¹⁸SOUSA, Maria da Silva. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 08 de dezembro de 2013.

casada. Cheguei a trabalhar, por um período de tempo, mas, não tinha como dar certo¹⁹.

Nesse sentido é importante enfatizar que a vida de casada que a entrevistada Tereza Maria de Sousa mantinha era de modelo tradicional, uma vez que, o homem só queria trabalhar fora e cabia a ela cuidar da casa e dos filhos. Com isso, a sua vida se limitava a esse tipo de atividade. Referente ao trabalho, relata a entrevistada,

Quando estava casada que arrumei um trabalho sempre havia cobranças, pois, ele tinha que saber a hora de chegada e de saída do trabalho, com quem estava na hora das refeições, o que fazia, muitas vezes ia até me buscar no trabalho. E tudo isso criava um clima chato na empresa, muitas vezes eu ficava constrangida com toda essa situação²⁰.

Como podemos verificar, a mulher casada tinha no seu papel de esposa obedecer às exigências do marido. Mesmo, ela saindo de casa para trabalhar fora, na busca de recursos financeiros para ajudar nas despesas, sofria cobranças, é por isso, que a mulher luta frequentemente pela sua liberdade.

Segundo Miranda (2011), desde o início da humanidade que a mulher luta pelos seus direitos, por uma vida melhor, para ser respeitada e reconhecida enquanto ser vivo. Nos primórdios das civilizações as mulheres faziam tudo que lhes era imposto, eram usadas como escravas e objetos sexuais.

A mulher deve ser considerada um ser humano vivo, com os mesmos direitos que os homens. Sua imagem jamais deverá ser diferenciada, pelo contrário deverá assumir um papel participativo na evolução dos tempos e da sociedade, deverá exercer o seu papel de acordo com suas posses, classe social e intelectualidade e se lhe faltar algumas dessas características jamais deverão ser desrespeitadas.

CAPÍTULO II

¹⁹ SOUSA, Tereza Maria de. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 05 de dezembro de 2013.

²⁰ SOUSA, Tereza Maria de. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 05 de dezembro de 2013.

2 A VIDA APÓS A SEPARAÇÃO

Ao longo do século XX observa-se as mudanças ocorridas nos grupos familiares. Podendo assim, a mulher ter seu papel ativo na sociedade encontrando seu espaço através de muita luta para adquirir seus direitos como cidadã, profissional, mulher, companheira e como mãe. Passando a ser vista e retratada como ela é. Procurando saber, questionando e não apenas aceitando passivamente o que o homem dizia. Transformando-se em cientista, em romancista, em historiadora, mantendo-se em qualquer profissão e demonstrando ser capaz tanto quanto o homem. Só que temos de ressaltar: não deixou em nenhum momento de fazer o que era exigido das outras mulheres no passado, continuou exercendo seu papel de mãe, filha, esposa, amante e amiga.

É nesse novo cenário do século XX onde a mulher consegue encontrar certa liberdade, com surgimento do desquite, um tipo de separação que envolve os cônjuges previsto no código Civil brasileiro como podemos ver na citação abaixo:

Com o Código Civil de 1916 foi introduzido o desquite (judicial ou amigável), como forma de pôr fim à sociedade conjugal. A sentença do desquite apenas autorizava a separação dos cônjuges, pondo termo ao regime de bens. Porém, o vínculo matrimonial permanecia. (GIRUNDI, 2013, p. 01).

O desquite não autorizava os cônjuges a se casarem novamente, apenas servia como termo ao regime de bens, e, o casal continuava mantendo contatos, porém casado em lei. Entretanto, uma grande e renovadora mudança ocorrida na relação conjugal foi o surgimento do divórcio que:

É instituído no Brasil através da Emenda Constitucional nº 9, datada de 28/06/1977, de autoria do senador Nelson Carneiro. Essa emenda sofreu muitas críticas e gerou uma enorme polêmica para a época, pois tornava o casamento solúvel e propiciava às pessoas divorciadas a possibilidade de um novo casamento (BOTTEGA, 2010, p.33).

A partir da lei instituída no Brasil em 1977, proporciona-se aos cônjuges a capacidade de destituir o casamento, podendo agora, após o divórcio, constituir uma

nova família. A partir desse momento, não se fala mais em divórcio que acarrete apenas a separação de corpos, não rompendo o vínculo matrimonial, o mesmo permite um novo casamento. Com a instituição do divórcio desobriga a mulher de portar o patronímico do marido, esta lei adotou como regime legal, o regime de Comunhão Parcial de Bens. Este por sua vez dava o direito ao casal de dividir os seus bens adquiridos após o casamento. Mas, nem todo mundo ficou satisfeito,

A justificativa para que o divórcio não viesse a ser aprovado tinha como argumento principal a manutenção dos valores familiares. Assim, ao lembrar que o preconceito em relação às mulheres separadas era ainda visível (SANTANA, 2010 p.247).

Esses preconceitos pertenciam aos setores mais conservadores da sociedade e da igreja, pois justificava dizendo que a família era uma instituição que não poderia sofrer alterações, mesmo quando isso significasse à renúncia a felicidade. Antes do divórcio ser instituído existiam segmentos femininos que se posicionavam a seu favor, já que, a partir da instituição deste, tanto o homem como a mulher poderiam casar-se novamente, o que antes não era permitido.

Após a instituição do divórcio no ano de 1977, passa a ser frequente a separação entre os casais. Essas se davam por vários motivos, como por exemplo: traições, desentendimentos, agressões, briga, ciúmes e muitos outros, como veremos na citação feita a seguir pela entrevistada Monik Lima Rodrigues.

A traição dele, o ciúme e a falta de dialogo. Todas as vezes que a gente discutia, eu discutia sozinha e ele nunca dizia o que estava sentido e os motivos dele, ou seja, ele era assim: se eu fizesse uma coisa que ele não gostasse, ele fazia outra pior pra se vingar, ele não chegava pra mim e dizia o que estava chateando ele. Ele sempre fazia alguma coisa pra me atingir, não tinha dialogo²¹.

Observa-se, que além das traições, outros motivos interferiam na relação de um casal, como: a falta de diálogo, o ciúme e o trabalho, muitas vezes o marido não

²¹RODRIGUES, Monik Lima. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 02 de dezembro de 2013.

aceitava que a esposa trabalhasse fora ou não aceitava que ela tivesse um emprego onde ganhasse melhor que ele. Isso gerava motivo de discussão como adverte a entrevistada Monik Lima Rodrigues:

O trabalho interferiu na medida em que eu fui estudar, passei a ganhar melhor que ele. Ele trabalhava na indústria e o salário dele só vivia atrasado. Quando eu passei a trabalhar e ganhar mais do que ele, ele era do tipo machista e se sentiu inferior, ofendido. Como eu vivia em função dele e de minha filha, e passei a trabalhar fora, ai ele começou sentir ciúmes, porque ele era muito ciumento²².

Analisando o depoimento acima podemos constatar que o machismo estava presente na reação que teve o marido ao ver que sua mulher trabalhava e ganhava mais que ele. É fato que o homem ainda não se sente preparado para aceitar a condição que a mulher exerce. Atualmente, a mulher não é mais como a do século XIX, onde elas eram restritas ao lar. A cada dia vêm se qualificando para o mercado de trabalho e desenvolvendo muitas outras atividades que possa lhes possibilitar um novo modelo de vida, deixando de ser vista apenas como esposa, dona de casa e cuidadora dos filhos.

Com relação aos motivos que levaram ao fim do casamento, todas as entrevistadas citaram como motivo principal a infidelidade. Podemos perceber esse aspecto no relato da entrevistada Maria da Silva Sousa “o motivo foi porque ele arrumou outra pessoa, sendo o motivo principal a traição²³”.

Mesmo com a diferença de idade entre as entrevistadas Monik Lima Rodrigues e Maria da Silva Sousa, nota-se que ambas optaram pela separação, talvez tenha sido uma maneira que essas mulheres encontraram de buscar mais liberdade e serem respeitadas, já que o casamento não lhe proporcionavam mais isso, como cita Monik Lima Rodrigues:

Na minha vida mudou tudo após a separação, hoje eu tenho a liberdade que eu nunca tive como eu não tive na adolescência, casei com o primeiro namorado eu não sabia nada da vida. Eu comecei a

²²RODRIGUES, Monik Lima. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 02 de dezembro de 2013.

²³ SOUSA, Maria da Silva. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 08 de dezembro de 2013.

conhecer outras pessoas, viajar, conhecer outros lugares, outras culturas, fui estudar e tudo. Pra recuperar o tempo que eu passei com ele onde não tive a oportunidade de vivenciar, estou vivenciando hoje²⁴

Ressalva que a mulher encontra através da separação um novo formato emocional de viver, de se relacionar com outras pessoas e de vivenciar seus momentos, sendo que, antes não se permitia na vida de casada. Como veremos na imagem a seguir momentos vividos por uma mulher separada.

Ilustração 04 foto de Monik Lima Rodrigues na praia em Fortaleza



Fonte: Acervo pessoal de Monik Lima Rodrigues

Pode-se analisar através da foto e do relato feito pela a entrevistada que esta se sente mais feliz e realizada após a separação, podendo assim, desenvolver novas atividades, que o matrimônio já não lhe oferecia. Para Santana (2010, p. 244)

A separação significava, por outro lado, a busca de uma realização emocional, pois quando as mulheres optavam pela separação, vinculavam esse fato à busca de outros horizontes emocionais e afetivos, que uma união matrimonial já não oferecia. Por outro lado, a sociedade revelava a carga de preconceito que uma atitude dessa

²⁴ RODRIGUES, Monik Lima. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 02 de dezembro de 2013.

natureza acarretava, bem como as hierarquias de gênero que permeava a sociedade.

O divórcio rompeu com muitas barreiras sócias e culturais, demonstrando efetivamente que era possível construir outras formas de relações afetivas, que não precisavam estar presas ao um vínculo conjugal legalizado.

Com a instituição do divórcio na década de 1970 no Brasil a mulher pode escolher a forma melhor de encontrar a felicidade, seja ela no casamento ou a partir da separação. Segundo Lopes (2013) o divórcio permite aos cônjuges a liberdade de dissolver a vida afetiva a qualquer tempo e contrair novas núpcias. Buscando novos horizontes, tanto na sua vida familiar como afetiva.

2.1 A separação vista como uma escolha

A separação na maioria das vezes é vista como uma escolha pelos cônjuges, em meio a um casamento que não deu certo, mas, separar não é tarefa fácil como veremos na fala da entrevistada Tereza Maria de Sousa:

De início foi ruim. Pensar em desistir a gente pensa, mas tem que levar pra frente à decisão que foi tomada. Primeiro porque, quando você está na sua casa é tudo seu, está tudo em seu lugar do jeito que você quer e a partir do momento que você volta pra casa dos seus pais já começa a complicação. Ficam jogando na cara que você não trabalha, aí a consciência pesa e você imagina como vai ser difícil começar do zero, outras vezes a gente pensa em voltar atrás, principalmente pelos filhos ,pois os mesmos não têm culpa do ocorrido e na verdade são os que mais sofrem com isso²⁵.

É comum tanto para a mulher como o homem pensar em desistir da separação, são muitos desafios a ser enfrentados, dentre eles estão alguns: o retorno à casa dos pais, o que foi comum entre algumas das entrevistadas, a educação dos filhos e as novas responsabilidades que surgem na vida da pessoa que decide dar continuidades à decisão tomada.

Essa mesma dificuldade, a da separação, foi descoberta pela entrevistada Monik Lima Rodrigues, só que, essa ocorreu de forma mais profunda devido o

²⁵SOUSA, Tereza Maria de. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 05 de dezembro de 2013.

motivo ter sido uma traição do marido, contando ainda que não partiu dela de imediato a decisão, coube a ele decidir,

Muito difícil, assim que ele saiu de casa a primeira vez eu fiquei deprimida, tive que tomar remédio pra dormir, procurei ajuda médica. Quando ele voltou pra casa que ele saiu de vez (agente se separou definitivo), aceitei numa boa, fui estudar me dedicar ao estudo, trabalho e minha filha²⁶.

Podemos ver que a entrevistada Monik Lima Rodrigues chegou a ficar doente com a escolha do marido, procurando ajuda médica. Observa-se ainda que ela aceita-o de volta em casa, mais uma vez, na busca de dar continuidade ao seu casamento. Mas, vencida pelo cansaço ela decide aceitar a separação e passa a cuidar de sua vida, dedicando-se aos estudos, ao trabalho e a filha. São duas situações vividas por mulheres que optam pela separação, mas, que sofrem as consequências mediante a escolha,

O sentimento de perda, que ocorre em qualquer tipo de separação, é uma experiência que todos nós passamos na vida. Não é só a perda de uma pessoa querida e amada que nos trás essa sensação incômoda, mas cada fase da vida deixada é uma perda que de alguma forma assimilada e transformada em compreensão e crescimento. (A DOR DA SEPARAÇÃO - Enfrentando-Compreendendo - Superando, 2013, p.01

Às vezes se faz necessário abrir mão de algumas coisas para conquistar outras. A separação pode ser vista como uma dessas escolhas que as pessoas fazem na vida, não se sabe ao certo se vai dar tudo certo, mas, o primeiro passo é tentar encontrar o que for melhor para cada um. E foi através da separação que essas mulheres procuram se encontrar.

2.2 O que fica de uma relação que não prosperou?

²⁶RODRIGUES, Monik Lima. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 02 de dezembro de 2013.

São muitos desafios enfrentados pelo casal que decide se separar, é comum após o casamento o relacionamento entre o casal mudar. Nem sempre uma relação conjugal termina bem, isso acontece por várias causas, se a escolha da separação partiu só de um, ela tende a ser tensa, o que é habitual acontecer. No caso da entrevistada Monik Lima Rodrigues,

A decisão partiu dos dois, eu já vinha percebendo há muito tempo que não dava mais certo, e aí ele resolveu facilitar as coisas, ele saiu de casa. Ele saiu de casa e passou entre 5 a 6 meses na casa da mãe dele, se arrependeu e pediu pra voltar. Eu dei uma chance, ele voltou, passamos cinco meses juntos e depois separamos definitivamente. Ele ainda tentou voltar novamente e eu não o quis²⁷.

Vale salientar que mesmo a decisão da separação tenha partido dos dois, cabia à mulher decidir a permanência ou não no casamento. Falando da relação entre mulher e ex- marido se compreende que desde o início da separação não era fácil, como cita Monik Lima Rodrigues,

A relação que tenho hoje está boa, mas, foi muito difícil muito ruim. Ele não foi justo, foi mesquinho na divisão dos bens, não queria fazer parte da vida da nossa filha, até que quando ela foi crescendo e foi percebendo as coisas, parece que a consciência dele pesou e também a mulher com que ele foi viver não queria que ele se aproximasse da menina, porque ela tinha ciúmes e tinha medo que ele voltasse pra mim. Hoje a nossa relação é boa, ele está vivendo com outra pessoa, eu também tenho a minha vida e pelo bem da nossa filha agente tenta manter uma relação amigável²⁸

Percebe-se nos relatos feitos por Monik Lima Rodrigues que a separação era vista como uma busca de novos horizontes, em muitos âmbitos da história dessas mulheres é visível que houve mudanças, apesar dela demonstrar que o início da separação não tenha sido fácil, mesmo com as dificuldades ela busca encontrar algo que já não existia na vida que tinha no casamento. Essas mudanças

²⁷RODRIGUES, Monik Lima. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 02 de dezembro de 2013.

²⁸ RODRIGUES, Monik Lima. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 02 de dezembro de 2013.

que ocorreram na vida dessa mulher após a separação estão relacionadas: ao lazer e a nova vida familiar que ela construiu e está vivendo atualmente.

2.3 O novo papel da mulher na família

Segundo Magalhães (2010) se até o século XX o papel da mulher na sociedade se limitava à procriação e educação dos filhos, e se após a Revolução Industrial a mulher lutou arduamente pelos seus direitos e pela conquista da sua independência, eis que no início do século XXI a mulher se sente e é vista como possuidora de um estatuto de real importância na sociedade, se equilibra nos seus vários papéis e consegue atingir as plenitudes de ser mulher, com autonomia e independência, mas sem prescindir da sua condição feminina.

A história da mulher vem dissolvendo empecilho há décadas, esta a cada dia se introduzindo mais no campo onde antes era de caráter predominantemente masculino, seja relacionado ao trabalho ou a família. Hodiernamente a mulher está mais independente, buscando melhores condições de vida, lutando cada dia mais pelos seus direitos. É comum ouvir de alguns homens que as mulheres atuais querem ser iguais a eles, mas não é bem isso, o que elas buscam é ser reconhecida pelo seu mérito,

A cultura machista não é fruto de indivíduos machistas, mas de uma sociedade machista que vem reafirmando seus discursos seja no âmbito da religião, seja no âmbito profissional ou pessoal, como se pode notar no fato de a mulher não receber o mesmo salário que o homem, em diversos cargos. (PRIORE, apud *Neto;D'Angelo, 2013*)

Em contraste com a época da ampla predominância do sistema patriarcal, a mulher do século XXI vai imprimindo mudanças significativas na sociedade, contribuindo para o avanço e progresso social. Segundo Souza (2011, p.01) “as mulheres não buscam serem iguais aos homens, mas reconhecidas como seres humanos, terem seus direitos à vida, vez e voto respeitados”. No entanto, elas buscam ocupar o seu espaço, não só, no mercado de trabalho e meio familiar, mas, em todos os âmbitos que ela se faz presente.

As mulheres exercem muitos papéis, além de mães, elas costumam ser pai ao mesmo tempo. Segundo (Simões e Hashimoto, 2012. p.11) “o papel dos cônjuges tem confundido cada vez mais, e a configuração familiar tem-se delineado diferentemente da estrutura familiar tradicional”.

Mesmo assim, cabe ressaltar que os modelos familiares do Brasil desde a colônia até os tempos atuais têm raízes profundas no patriarcalismo. Castells (1999) aponta que a estrutura patriarcal “caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e filhos no âmbito familiar”. As mulheres estão assumindo mais a direção de uma casa e de uma família. Quando os pais se separam geralmente os filhos ficam com as mães e é a partir de então que elas passam a ver a tamanha responsabilidade que elas passaram a exercer quando assumem uma família sozinha como veremos na fala da entrevistada Leny Silva Amorim,

A responsabilidade de assumir meus dois filhos, de educar e de tentar dar o melhor para eles. A responsabilidade de cuidar de uma casa sozinha, sem contar com a presença constante do pai era os problemas mais difíceis que encontrei²⁹.

A participação da família na vida dos filhos sempre existiu, seja na hora de escolher com quem se casar a tomar pela decisão de se separar. Dentre as entrevistadas todas falaram da participação e da reação tomada pela família mediante a decisão de separar. Segundo Monik Lima Rodrigues quando decidiu se separar,

Foi um choque, porque meus pais são assim tradicionais ao extremo. Pra pai eu nunca pensei dele suportar a ideia de ter uma filha separada, mas, como ele via o jeito do meu ex-marido, sabia que nos éramos muito diferentes. Assim que foi pra casar meu pai disse que iria me apoiar porque sabia que eu gostava dele, mas disse também, que agente era muito diferente e não tinha como dar certo. Eles acabaram aceitando a separação e é tanto, que quando ele quis

²⁹AMORIM, Leny Silva. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, em 10 de dezembro de 2013.

voltar, minha própria família foi quem disse pra eu não querer de volta.³⁰

Compreende-se que mesmo em famílias tradicionais, ou tidas como tradicional, a família abre mão de alguns costumes, acreditando ser o melhor para os filhos, foi o que aconteceu com a família da entrevistada Monik Lima Rodrigues houve uma adesão ao conservadorismo. Quando a entrevistada descreve que o pai achava os dois muito diferentes essa questão está se referindo segundo a entrevistada ao comportamento que ele tinha, o marido, sendo ele caseiro e ela gostava de sair muito de casa para frequentar outros ambientes.

Segundo Costa; Androsio (2004) Mesmo após as grandes conquistas da mulher e dos avanços tecnológicos, o papel da mulher ainda é permeado por ranços de tradicionalismo, onde a mulher é vista como cuidadora da família e a responsável pelo zelo da casa. O papel da mulher na contemporaneidade, diferente do tradicional, soma sua inserção no mercado de trabalho à sua função na família, gerando a dupla jornada da mulher, dentro e fora de casa.

2.4 A participação da mulher no mercado de trabalho

Enquanto a sociedade do início do século XX organizava-se para manter a mulher no espaço privado, longe do âmbito público que é o espaço permeado de saber e de autonomia, a mulher sonhava com o despertar da vida reprodutora, para uma vida com múltiplas possibilidades e praticidade. Entretanto, esse despertar foi por meio de um processo muito lento, surgido a partir da consciência das mulheres pelas lutas de igualdade de gênero e de oportunidades, bem como da própria mudança cultural.

Ao inserir-se no mercado de trabalho, a mulher adquire múltiplos papéis, visto que seu papel de esposa, mãe e dona de casa, inerentes à função social antes ocupada, ainda é mantida, mas agora, sua dedicação não é exclusiva ao lar. A mulher contemporânea, ao mesmo tempo em que é dona de casa é também estudante e profissional realizando tarefas no meio social.

³⁰RODRIGUES, Monik Lima. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 02 de dezembro de 2013.

Apesar da correria cotidiana, a mulher consegue administrar seu tempo para se dedicar aos filhos e ao esposo. Além de sua realização profissional, o trabalho está ligado à própria subsistência e de sua família, uma vez que, suas tarefas domésticas, suas atribuições passaram a ser de ordem financeira, visto que sua renda agora é incorporada a renda familiar. De acordo com Tavares (2010, p.122),

No casamento moderno, a mulher, para ser respeitada, vê-se impelida a perseguir um crescimento do “eu” e da realização profissional, mesmo que não tenha um projeto pessoal ou desejo de exercer atividades domésticas. O marido, por sua vez, incentiva a sua esposa a estudar ou trabalhar, desde que não interfira nos serviços domésticos, cuidados com a família e filhos, que permanecem uma responsabilidade feminina.

Ao contrário do homem, a mulher, ao se colocar no mundo do trabalho, relega o segundo plano a sua identidade profissional ao priorizar a família. Dessa forma, ao somar trabalho com atividades do lar, incluem também, às consequências de seus múltiplos papéis, prejudicando muitas vezes sua própria saúde. Conforme Carloto (1998, p. 9), “as mulheres que somam serviço de casa com o trabalho assalariado não conseguem se recuperar da fadiga e do desgaste, e ficam mais sujeitas a dores, doenças e vários tipos de sofrimento físico e mental”. Desta forma, vemos que o desdobramento dos novos papéis da mulher teve como resultado uma sobrecarga de funções, uma vez que ela foi levada a assumir longas jornadas de trabalho por acumular tarefas dentro e fora de casa.

Segundo Teixeira (2005) mesmo com o expressivo crescimento da mulher no mercado de trabalho, ainda não foi superado os obstáculos de acesso a cargos de chefia e diferenças salariais. Estas dificuldades, embora tenham diminuído desde os anos 1990, ainda permanecem e significam que as mulheres aceitam postos de trabalhos inferiores para garantir a sobrevivência de sua família, já que as taxas de desemprego feminino são significativamente maiores do que as da população masculina.

Mesmo que o homem ocupe mais espaço no mercado de trabalho, a participação das mulheres no Brasil vem aumentando de forma expressiva nos últimos anos. Segundo Silva (2013) “As transformações de valores adquiridos dos movimentos políticos e sociais apresentaram como resultado a maior participação

das mulheres, inclusive nas carreiras políticas e nas universidades”. É certo que o acesso às universidades vem possibilitando a mulher maior oportunidade de disputa em termo de emprego com os homens. Atualmente a mulher está mais preparada para assumir qualquer tipo de cargo mesmo este sendo de caráter “masculino”.

Vários fatores justificam o crescimento da participação feminina no mercado de trabalho, como exemplo: o maior nível de escolaridade em relação aos homens, alterações na composição familiar, com uma menor quantidade de filhos e novos valores referentes à inclusão da mulher na sociedade brasileira.

Para (CALIL, 2007, p 170.) “a participação feminina no mercado de trabalho do Brasil se tornou realidade a partir da década de 70 e vem aumentando ano a ano”. Em outras palavras, as mulheres entraram no mercado de trabalho para ficar, porém, persistem os problemas que elas enfrentam desde o início entre eles, talvez o pior, o desemprego que as atinge mais do que aos homens.

Apesar de ter conquistado novos espaços, a mulher ainda sofre muitos preconceitos mediante algumas profissões e até mesmo ao salário que recebe. Analisando a trajetória de vida destas veremos muitas mudanças, quando comparada com a vida que elas tinham no século XVIII, mas, observaremos muitas continuidades. Para muitas mulheres,

A importância de um ganho só seu se traduz na capacidade de gerir sua própria vida, de fazer suas próprias escolhas e de ter um poder maior de barganha dentro de seu lar, ao produzir seu próprio sustento (CALIL,2007 p.166).

É gratificante, para a mulher ver e saber que é capaz de gerar o seu próprio sustento e através do seu ganho fazer suas próprias escolhas. Podemos analisar isso na fala da entrevistada Tereza Maria de Sousa, “não existe nada mais gratificante do que se sentir útil, perceber que você é capaz de suprir suas necessidades sem auxílio de ninguém, para mim o emprego é o melhor marido que existe”³¹! De acordo (Siliprandi, 2004) “o acesso ao mercado de trabalho é o fator

³¹ SOUSA, Tereza Maria de. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 05 de dezembro de 2013.

mais importante que provocou esta melhoria para a vida das mulheres, porque lhes proporciona mais liberdade pessoal, econômica e social”. Foi a partir da entrada da mulher no mercado de trabalho que ela vem progredindo, mesmo, não recebendo o seu devido valor.

Segundo as entrevistadas, até então, não encontraram nenhum tipo de dificuldades quando se trata de arrumar emprego, o status de separada não interfere no seu trabalho como relata Maria da Silva Sousa,

Eu sempre trabalhei e continuo trabalhando normalmente, nunca tive dificuldades e nem recebi nenhum tipo de preconceito por ser separada. Quando precisava de emprego ia atrás e sempre fui bem respeitada³²

É possível notar que entre as entrevistadas não tiveram problemas em relação ao trabalho, pois, exercem de maneira responsável conseguindo ser respeitada tanto no trabalho que executam como no meio em vivem.

2.5 O lazer e a diversão

Mas, o que é lazer? Segundo Dumazedier (apud. Branco, 2005, p.40) o lazer é “uma oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana”. A partir desse conceito define-se lazer como todos os momentos da vida cotidiana em que as pessoas deixam suas labutas com objetivo de se divertirem e saírem da rotina diária.

As famílias das classes populares especificamente acumulam longas jornadas de trabalho e muito stress, resultado de sua inserção subordinada numa sociedade capitalista. De modo correspondente apresentam falta de tempo, o que dificulta a prática de lazer, que é um direito de todos, ao tempo em que se torna cada vez mais difícil o seu acesso em ambientes recreativos.

³² SOUSA, Maria da Silva. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 08 de dezembro de 2013.

As entrevistadas relatam que só passaram a conhecer o que era lazer de verdade após a sua separação, já que, não tinham costumes de frequentar lugares onde pudessem se divertir, de acordo com Monik Lima Rodrigues,

O lazer quando eu era casada praticamente não tinha, só cuidava mais da casa e da minha filha, depois que eu me separei eu comecei a viajar, a conhecer novas pessoas, sair pra festas e tudo mais, então nesse sentido mudou totalmente³³.

Entende-se a partir da fala da entrevistada que o lazer só veio fazer parte da sua vida após a separação, não tendo costume de frequentar ambientes que lhe proporcionasse algum tipo de diversão. Não foi só na fala da Monik Lima Rodrigues que houve essa negação a frequência de participação em ambientes de lazer, para Amorim era comum “eu não tinha nenhum tipo de lazer quando era casada, hoje eu tenho a liberdade de sair quando quero me divertir em viagens com amigos e de ir festas³⁴”. Nesse sentido elas encontraram na vida de separada mais liberdade de ir e vir, de poder escolher a sua maneira de viver. Observa-se que a mulher separada atualmente exerce diversas atividades que estão relacionadas às práticas de lazer. Foi unânime entre as entrevistadas a participação em ambientes que possibilitam a diversão, tais como: Festas e viagens com amigos.

2.6 O olhar da sociedade sobre a mulher separada

Segundo Rago (1985), havia vários discursos, até boa parte do século XX, em torno da figura feminina para defini-la e representá-la. De maneira geral, tais discursos tinham a intenção de restringir sua atuação na sociedade e segregá-la num determinado espaço. Visto que, esses espaços destinavam o setor privado à mulher e o público ao homem.

A situação de submissão das mulheres é um fenômeno histórico. E ao longo de décadas ela vem lutando pela sua liberdade, seja no campo político, cultural e

³³ RODRIGUES, Monik Lima. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 02 de dezembro de 2013.

³⁴ AMORIM, Leny Silva. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, em 10 de dezembro de 2013.

social, portanto, é no campo social onde a mulher é vista com um olhar preconceituoso adquiridos por uma sociedade ainda machista.

Para Costa e Androsio (2004) em virtude das mudanças ocorridas ao longo dos anos na vida da mulher, tanto no sentido profissional quanto no pessoal, contribuíram para que esta atualmente tornasse mais independente, mudando os hábitos que lhes eram impostos pelo marido, e pela própria família, onde a sociedade impulsionava e os pais ensinaram às mulheres, desde pequenas, que elas deveriam casar-se para cuidar dos filhos, da casa e do marido. Como cita Carneiro, (2007, p.159) “mudanças históricas ocorridas nas últimas décadas abriram novas possibilidades de escolha para as mulheres”. Castells (2002) ressalva que a família sofreu consideráveis transformações no último século XX e começo do XXI, uma vez que, a mulher mudou sua rotina inserindo-se no mercado de trabalho, passando assim, quase todo o dia fora do seu lar. Segundo Bilac (1992)

Vivemos numa sociedade aonde a tradição vem sendo abandonada como em nenhuma outra época da história. Assim, o amor, o casamento, a família, a sexualidade e o trabalho, antes partem de um projeto em que a individualidade conta decisivamente e adquire cada vez maior importância social. (apud. Carvalho, 1995 P.43)

Segundo Carvalho (1995) no Brasil, especificamente a partir da década de sessenta, essas mudanças afetaram a vida doméstica e redundam em mudanças na dinâmica familiar e no relacionamento homem e mulher. De acordo com a entrevistada Tereza Maria de Sousa a sociedade olha a mulher separada com certo preconceito,

A sociedade em si é preconceituosa, independente que seja por separação, seja por cor ou raça ,tem esse preconceito em si, porque acha que as mulheres após a separação vão virar prostitutas, vagabundas. Separam-se não porque querem viver livre da prisão que vivia, mas, no caso pensam que elas querem sair dali pra viverem uma vida de solteira sem regalias, sem limites, e não é isso. Muitas vezes o que a gente quer é apenas recuperar a vida, o tempo perdido, sente-se útil, valorizada, encontrar de alguma maneira um motivo que retome a vontade de viver, porém querendo ou não

vivemos para agradar a sociedade e não a si mesmo, e somos causadores destes preconceitos³⁵.

Neste sentido podemos considerar que a mulher separada mesmo vivenciando o século XXI, período onde as mulheres estão em ascensão observa-se que a sociedade ainda assume posturas preconceituosa. O preconceito está presente em todas as partes da sociedade, seja ela, de classe baixa, média ou alta. Ele vive presente em todos os ambientes e no meio das pessoas como podemos observar na fala de uma das entrevistadas

Eu mesmo tinha preconceito por ser uma mulher separada. Foi difícil pra mim depois que eu separei, mas percebi que você continua sendo a mesma pessoa, desde que você se dê o respeito. Eu nunca senti que ninguém me tratou diferente depois que eu me separei, pelo menos as pessoas que me conhece. As pessoas que não conhece principalmente os homens que ainda tem uma mentalidade machista, eles ficam assim com certo receio, mas nunca ninguém me faltou com respeito não³⁶

Constata-se na fala da entrevistada que foi difícil para ela aceitar o status de separada, isso se deu, devido ao preconceito estabelecido por ela mesma. O que era comum não só a mulheres, mas, as pessoas que se relacionam com elas. Como conta a entrevistada Tereza Maria de Sousa quando diz

Ao querer recomeçar um novo relacionamento percebemos que algumas pessoas se aproxima sem conhecer sua história, e demonstram um grande interesse, passam até um tempo junto de você, mas quando conhecem a sua história e você repassa que é separada e tem filhos, já cria um tipo de preconceito em relação a sua pessoa sem ao menos te conhecer direito, criam seus próprios conceitos dogmáticos em relação a gente, é como perdêssemos o valor, mesmo não dando motivo para isso³⁷.

³⁵ SOUSA, Tereza Maria de. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 05 de dezembro de 2013.

³⁶ RODRIGUES, Monik Lima. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 02 de dezembro de 2013.

³⁷ SOUSA, Tereza Maria de. Entrevista cedida a Eliene Maria Alves de Sousa em Picos, 05 de dezembro de 2013.

Segundo Oliveira (2010, p.70) foi através do esforço, e determinação em quebrar as desigualdades de gênero, que muitas mulheres, que não aceitaram as agruras de seu tempo, tentaram mudar o curso de suas histórias escrevendo para denunciar as desigualdades de gênero. Elas, também, trabalhando fora do lar começaram a se libertar do jugo e da dominação masculina, e a partir daí, as diferenças de gênero começaram a diminuir na sociedade, conquistando espaço e participando igualmente do mercado de trabalho. É nas palavras poéticas de Cora Coralina que se encontram forças para enfrentar os desafios apresentados às mulheres:

Eu sou aquela mulher a quem muito o tempo ensinou, a amar a vida e não desistir da luta, recomeçar na derrota renunciar a palavras e pensamentos negativos. Acreditar nos valores humanos e ser otimista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as mudanças que ocorreram na vida da mulher, envolvendo os muitos setores que elas se fazem presentes e o novo papel que a mulher exerce na sociedade, no meio familiar, no lazer e especialmente no trabalho. Sendo assim, essa pesquisa buscou analisar a vivência de mulheres separadas na cidade de Picos-PI, entre os anos de 1980 a 2013.

Podemos analisar o caminho que a mulher executa quando decide se casar, e o papel que ela passa a exercer na sociedade como uma mulher casada. De acordo com as entrevistadas o casamento nem sempre acontecia de maneira planejada na vida dessas mulheres.

Por meio deste trabalho foi oportunizado conhecer os motivos que levaram essas mulheres ao casamento, e a separação. Dentre as entrevistadas o principal motivo da separação foi a infidelidade, sendo em número maior por parte do marido.

Cada uma das entrevistadas vive atualmente de maneira diferente e executam várias atividades. A entrevistada Maria da Silva Sousa não estuda, mas, trabalha no meio comercial, e não teve nenhum relacionamento após a sua separação.

Já a entrevistada Monik Lima Rodrigues é formada no curso de História, faz o curso técnico em Segurança no Trabalho, trabalha como professora no colégio Decisão, após a sua separação já teve outras relações e agora está em um relacionamento sério onde pensa em casar-se novamente.

À entrevistada Tereza Maria de Sousa atualmente faz os cursos de Letras e Serviço Social, trabalha como professora no colégio Decisão e já teve vários relacionamentos após sua separação, mas, no momento está solteira.

Leny Silva Amorim mora atualmente com seus filhos na casa dos pais, a mesma não estuda e seu trabalho consiste em ajudar sua mãe nos afazeres domésticos. Após a separação ela já teve alguns relacionamentos, no entanto, o casamento não faz parte dos seus planos.

Pode-se notar no depoimento das entrevistadas que houve muitas mudanças na vida dessas mulheres, e que elas passaram a desempenhar atividades não antes praticadas como: frequentar ambientes de lazer, ir festas, fazer viagens, trabalhar fora do lar. Sendo assim, a liberdade que tanto essas mulheres questionavam quando eram casadas conquistaram após a separação.

Deste modo, podemos concluir que muitas foram às evoluções ligadas à mulher ao longo da história, da sua pequena participação no passado que foi crescendo cada vez mais até os dias atuais. Muitas foram às fases por qual passaram as mulheres até se chegar as conquistas da atualidade, foram lutas, disputas, humilhações, submissões, até se chegar à vitória denominada liberdade. A mulher conquistou à liberdade da fala, a liberdade da vestimenta, a liberdade política, trabalhista, jurídica e financeira, infelizmente os salários são menores se comparados aos masculinos, na política é pouca a participação feminina, porém na instituição familiar foram grandes as suas conquistas, a mulher passou de submissa as ordens do marido a companheira e administradora do lar, dos filhos e dos bens.

A sociedade passou por profundas transformações que afetaram a estrutura familiar, neste contexto, as mulheres passaram a ser chefes do lar, a ter a sua independência financeira, a criarem sozinhas seus filhos e não serem marginalizadas por isso.

Por fim, espera-se que este estudo possa colaborar com a sociedade para que haja mais valorização, só assim, a mulher ocupará o lugar que merece. É certo que esta pesquisa não esgota todas as fontes, sabemos que ainda há muito para ser feito sobre a história da mulher separada e de todas elas. Segundo Le Goff “Não há realidade histórica acabada, que entregaria por si própria ao historiador” (1988, p.31)

REFERÊNCIAS

A DOR DA SEPARAÇÃO – Enfrentando - Compreendendo - Superando. 2013. Disponível em: http://www.novoequilibrio.com.br/ver_topico.php?Tipo=25&Cod=150.

ANTON, Iara L. Camaratta. **Homem e Mulher: Seus Vínculos Secretos**. Porto Alegre Artmed, 2002.

BARSTED, Leila L. e ALVES, Branca M. **Novos padrões e velhas instituições: feminismo e família no Brasil**. In: RIBEIRO, Ivete (Org.). *Família e valores*. São Paulo: Loyola, 1987.

BOSI, E. (1994). **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.

BILAC, E. D. (1992). **Sobre as transformações nas estruturas familiares no Cuiabá, Cuiabá**. v. 12. n.1. p. 31/36. jan/jun. 2010.

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4ª ed. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOTTEGA, Clarissa. A evolução do divórcio no direito brasileiro e as novas tendências da dissolução matrimonial. **Revista Jurídica da Universidade de Brasil. Notas muito preliminares**. Texto apresentado no Seminário Família Brasileira – Desafios nos processos contemporâneos. Rio de Janeiro, CIAS.

CARLOTO, C.M. A saúde das trabalhadoras. In: **Saúde das trabalhadoras**. São Paulo: SOF, 1998.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC /Cortez, 1995. 122p

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 530p

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 169. vol. II.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres plurais: A condição feminina na Primeira República**. Teresina: Edições Bagaço, 2005.

CAVIL, Léa Elisa Silingowschi. **Direito do Trabalho da Mulher: a questão da igualdade jurídica ante a desigualdade fática**. Editora Léa Elisa Silingowschi Calil, 2007.

CIELO, *Patrícia Fortes Lopes Donzele*; FORTES, *Fernanda Netto Tartuci Lorenzi*. Os institutos do casamento, da união estável e do concubinato. **Revista CEPPG – CESUC – Centro de Ensino Superior de Catalão** Nº 22, p.155-170, 2010.

COSTA, G.P. **Acena conjugal**. Porto Alegre: Artes Medicas Sul, 2000.

COSTA, Irla Henrique; ANDROSIO, Valéria de Oliveira. **As transformações do papel da mulher na contemporaneidade**. Campinas, SP UNESCO Brasil, 2004.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DIAS, Victor R.C.S. **Vinculo Conjugal Na Analise Psicodramática Diagnostico Estrutural Dos Casamentos**. Agora, 2000 Disponível: em <http://oficinadepsicologia.blogs.sapo.pt/16848.html>. Acesso em dezembro de 2014.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973

FILHO, Bernardo Sá Filho. **Cartografias do Prazer: Prostituição e Boemia em Teresina (1930-1970)**. Dissertação. Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI, 2006.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. 8ª ed. Tradução: Maria Thereza de Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

GIRUNDI, Leonardo. *Divórcio e pensão*. 2013. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/opini%C3%A3o/leonardo-girundi/div%C3%B3rcio-e-pens%C3%A3o-1.751042>

LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL Jacques. **A História nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LOPES, Izaac Everton de Oliveira. **O divórcio e a as suas modalidades no Sistema Jurídico a luz da EC nº 66 de 2010**: Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/direito/artigos/51519/o-divorcio-e-a-as-suas-modalidades-no-sistema-juridico-a-luz-da-ec-n-66-de-2010> acesso em 20 de jan 2014.

MAGALHÃES, Ana. *Ser mulher no século XX*. Disponível em: <http://www.pergamum.univale.br/pergamum/tcc/Astransformacoesdopapeldamulhernacontemporaneidade.pdf>. acesso em 25 de jan 2014.

MIRANDA, Maria Bernadete. *Homens e Mulheres - A Isonomia Conquistada* **Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania**. Volume 2 – n.1, 2011 - www.facsao Roque.br/novo/publicacoes/pdfs/bernadete_drt_20111.pdf.

NETO, Renato Drummond Tapioca ; D'ANGELO, Luísa Bertrami. **O machismo da mulher brasileira**. 2013. Disponível em:

<http://causasperdidas.literatortura.com/2013/10/21/mary-del-priore-fala-sobre-o-machismo-da-mulher-brasileira/>.

OLIVEIRA, Ângela Maria Macedo de. Descortinando os preconceitos: As mulheres no Ensino Superior e no Mercado de Trabalho em Teresina na Década de 1950. In: **Lápis, Agulhas e Amores: História de mulheres na contemporaneidade**. / José Gerardo Vasconcelos, Samara Mendes Araújo Silva, Cassandra Maria Bastos Franco et. [organizadores]. – Fortaleza: Edições UFC, 2010.

PENA, Elis Helena. A família através dos tempos. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, X, n. 37, fev 2007. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=1665>. Acesso em jan 2014.

PINHEIRO, Marília Alves. Memórias do meretrício: discursos e sociabilidades da prostituição picoense nas décadas de 1950 e 1960. Monografia. Universidade federal do Piauí, Picos-PI, 2012.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Tradução: Monique Augras. Disponível em: <http://www.reviravoltadesign.com>. Acesso em 20 de novembro de 2013.

PRIORE, Mery Del. **História das mulheres no Brasil**. 10ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PUGA, Vera Lúcia. Casar e separar: dilema social histórico. **Revista Esboços** n.17, Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil: 1890-1930). 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SANTANA, Márcia Castelo Branco. AFETOS E DESAFETOS: Reinvenções dos Vínculos Amorosos e as Novas Propostas de Casamentos Nos anos 1970 em Teresina. In: **Lápis, Agulhas e Amores: História de mulheres na contemporaneidade**. / José Gerardo Vasconcelos, Samara Mendes Araújo Silva, Cassandra Maria Bastos Franco et. [organizadores]. – Fortaleza: Edições UFC, 2010.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica, 1989. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Disponível: http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html. Acesso em: 05 dez. 2013.

SILIPRANDI, E. **A mulher brasileira nos espaços públicos e privados**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVA, Wankleber de Farias. Empreendedorismo feminino no município de Picos Piauí. Monografia. Universidade federal do Piauí, Picos-PI, 2013.

SIMÕES, Fatima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. **Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas**. MG – Brasil – Nº 02 – Ano I – 10/2012– <http://www.ufvjm.edu.br/vozes>.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.). Domínios da História. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

SOUZA, Thais Cristina de Oliveira. **A mulher e a sua importância para a construção de sociedades sustentáveis**. 2010: Disponível em: <http://www.cenedcursos.com.br/a-mulher-e-a-sua-importancia-para-a-construcao-de-sociedades-sustentaveis.html> acesso em 25 de jan 2014.

TAVARES, M.S. Com açúcar e sem afeto: a trajetória de vida amorosa de mulheres das classes populares em Aracajú/SE. **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo, nº 101, p.121-145, jan./mar. 2010.

TEIXEIRA, Zuleide Araújo. **As mulheres e o mercado de trabalho**. 2005. Disponível em: <<http://www.universia.com.br/html/matéria/materiadaba.html>>. Acesso em: 28 jun.2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado: História Oral**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Universo Jurídico e “Jus Navigandi” *posted by INOVA - Associação de Famílias GLTTB* Disponível em: <http://inovaglttb.blogspot.com.br/2005/07/de-onde-vem-o-casamento-civil-quem-e.html>. Acesso em Dezembro de 2014.

VENOSA, Sívio de Salvo. **Direito Civil. Direito de Família**. 3ª ed. vol.6. São Paulo: Atlas, 2003.

VIEIRA, Taiana Jeruza. **A expansão de trabalho feminino no mercado formal de trabalho catarinense nos anos de 1990**. Monografia submetida ao departamento de graduação em Ciências Econômicas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.